

Pensando o sentido em Benveniste e Authier-Revuz – uma leitura enunciativa

Claudia Stumpf Toldo Oudeste*
Patrícia da Silva Valério**

Resumo

Neste artigo, revisitamos dois textos de Émile Benveniste (1967, 1969) e dois de Jacqueline Authier-Revuz (1980, 1982) com objetivo de pensar o sentido na língua. Nosso exercício de leitura parte do pressuposto de que, se Authier-Revuz filia-se aos estudos enunciativos de Benveniste, é possível encontrar princípios em ambos os autores que, ainda que diferenciados, permitam refletir com singularidade o modo como o sentido se constrói no texto. Assim, resgatamos os conceitos de *forma* e *sentido* na língua em Benveniste (1989) e os de *heterogeneidade mostrada* e *constitutiva* em Authier-Revuz (2004) para analisar como se dá a construção do sentido de um texto a partir dos elementos indicados pela leitura de ambos os autores, tomando como base o emprego das formas da língua.

Palavras-chave: Sentido. Heterogeneidade mostrada. Heterogeneidade constitutiva. Formas da língua.

Considerações iniciais

A reflexão teórica proposta neste artigo está vinculada aos estudos enunciativos e tem por objetivo resgatar concepções sobre o sentido na língua, a partir de Émile Benveniste (1989, [1967-1970]), e sobre a heterogeneidade discursiva, via Authier-Revuz (2004, [1980-1998]), para pensar a construção do sentido em um texto publicitário. Para tanto, revisitaremos, em Authier-Revuz, conceitos de heterogeneidade mostrada e constitutiva e, em Émile Benveniste, os conceitos de forma e sentido na linguagem.

* Doutora em Letras (PUCRS) com pós-doutorado em Letras - Estudos da linguagem (UFRGS); professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (RS). E-mail: claudiaast@upf.br.

** Mestre em Letras (UPF); doutoranda em Linguística Aplicada (Unisinos); coordenadora e professora do curso de Letras (UPF). E-mail: patriciav@upf.br.

Data de submissão: mar. 2014 – Data de aceite: maio 2014

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v10i1.4099>

As aproximações que faremos aqui entre os constructos teóricos de Émile Benveniste e os de Jacqueline Authier-Revuz são considerações tomadas por nossa conta, a partir de nossa compreensão das leituras dos autores nominados. Sabemos do risco de essa leitura não encontrar unanimidade entre leitores de um e de outro autor, mesmo assim, lançamo-nos ao desafio, assumindo toda a responsabilidade pelas relações estabelecidas¹.

Começaremos com a retomada das concepções referentes ao sentido na linguagem a partir de dois textos de Émile Benveniste, *A forma e o sentido na linguagem* (1967) e *Semiologia da língua* (1969). A seguir, resgataremos as reflexões acerca da heterogeneidade marcada e da heterogeneidade constitutiva, a partir dos textos de Jacqueline Authier-Revuz (2004), para, finalmente, chegarmos à análise do texto publicitário escolhido.

Queremos analisar, no texto em questão, como o sentido se constrói, a partir dos elementos indicados pela leitura de ambos os autores, tomando como base o emprego das formas da língua.

O campo comum é a enunciação. O campo da enunciação, sabemos, é múltiplo e heterogêneo². Conforme Flores (2008), diferentes critérios aplicados às teorias enunciativas dão lugar a diferentes formas de reagrupar os teóricos, razão pela qual ele estabelece como critério a “existência ou não de um modelo de análise da enunciação” (p. 30). De acordo com esse critério, haveria uma dupla

configuração: um primeiro grupo cujos autores refletiram sobre a enunciação sem, no entanto, formular um modelo de análise (Benveniste, Bally, Sechehaye, Guillaume, entre outros) e um segundo grupo que teria elaborado concretamente propostas teórico-metodológicas de análise, como Jakobson, Ducrot, Authier-Revuz, Culioli, Fuchs, Kerbrat-Orecchioni, entre outros. Optamos por trabalhar com Benveniste e Authier-Revuz, conforme critério adotado por Flores (2008): o primeiro pertencente ao grupo de autores cuja Teoria da Enunciação deriva da leitura conjunta de seus escritos e não de uma metodologia explicitamente proposta, e a segunda integrante do grupo de autores que desenvolveu uma proposta de análise.

A escolha por Benveniste dispensaria quaisquer justificativas, uma vez que seu nome figura entre os mais importantes linguistas pós-saussurianos. Mas ler e estudar Benveniste nos desafia a encontrar em cada um de seus textos categorias de análise, teorizadas e desenvolvidas dentro de limites que, naturalmente, nos fazem pensar em conceitos como língua, linguagem, sentido. Já Authier-Revuz, por sua própria definição, está correlacionada aos estudos de Bally, Benveniste e Culioli³ e define, ela própria, sua posição entre os neo-estruturalistas, aqueles que partem do estudo do “campo heterogêneo onde se encontram a língua e os seus exteriores – as formas da língua” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 16).

A teoria de Benveniste interessa de modo especial a Authier-Revuz, conforme apontam Flores e Teixeira (2005), devido a pelo menos três aspectos essenciais:

- a afirmação da propriedade reflexiva da língua, pela qual ela se coloca em posição privilegiada entre os sistemas semióticos;
- o reconhecimento da língua como ordem própria, sem que, por isso, o linguista deva rejeitar o que é da ordem do discurso, que está aí mesmo contido;
- a indicação de que certas formas da língua – como os pronomes pessoais, os tempos verbais, os performativos, os delocutivos – são os sinais, na língua, do que lhe é radicalmente outro (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 73).

Authier-Revuz convoca exteriores teóricos, como ela mesma define o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise freudolacaniana, para estudar a inscrição singular do sujeito na linguagem. Sua teoria transcende, conforme entendem Flores & Teixeira (2005) a enunciação *stricto sensu*, tanto pelo estatuto da noção de heterogeneidade presente em sua teoria, como por sua noção psicanalítica de sujeito. Discutiremos adiante tais aspectos.

Assim, perguntamo-nos: qual a necessidade de mobilizar os dois quadros teóricos para analisar o *corpus* em questão? Temos consciência de que a abordagem que propomos é singular, pois Authier-Revuz não analisou textos, senão fatos de língua, Benveniste tampouco o fez. Pensamos, assim, que o conjunto desses dois referenciais possibilita olhar *para* e pensar *sobre* o sentido do texto de forma diferenciada. Se Benveniste refletiu sobre o princípio de o homem estar na

língua e unificar-se como sujeito no uso que faz dela, por um ato individual de utilização da língua toda, ou seja, pela enunciação, Authier-Revuz, por seu turno, ao construir uma teoria sobre a heterogeneidade discursiva, trouxe a discussão acerca da necessidade de convocar exterioridades teóricas para pensar a enunciação. Por isso, defenderemos que o diálogo entre os dois quadros teóricos possibilitará um olhar diferente para a construção do sentido do texto.

Por ora, retomaremos dois textos de Benveniste, olhando para o que ele diz sobre o sentido, já que é esse o aspecto que nos interessa de modo especial. Depois, ingressaremos na teoria de Authier-Revuz, de modo a verificar o que ela tem a dizer a respeito desse sentido, a partir de suas postulações sobre a heterogeneidade discursiva. E por fim, chegaremos a um esboço de análise de um texto publicitário, cujas considerações acerca desse gênero serão observadas.

O sentido em *A forma e o sentido na linguagem* (1967⁴)

Esse texto resulta de uma fala de Benveniste (1989) a filósofos em um congresso, seguida de um debate entre palestrante convidado e demais filósofos. O linguista francês inicia sua fala descartando⁵ qualquer oposição entre forma e sentido, pois para ele essas noções são *gêmeas* de sentido.

Conforme Mello (2012), as noções de forma e sentido estão presentes em pelo

menos três textos de Benveniste – *Os níveis da análise linguística*⁶, *A forma e o sentido na linguagem* e *Semiologia da língua* – e estão vinculadas a outras noções igualmente importantes, tais como frase, referência e sintagmatização. Como estamos interessadas em discutir o sentido, e como suspeitamos que é nos últimos textos de Benveniste que encontraremos essa noção de modo mais explícito, passaremos ao texto de 1967. Nesse texto, mais do que diferenciar as duas noções – forma e sentido, Benveniste procura explicar a relação imbricada que vê entre essas noções. Para tanto, desenvolve os conceitos de semiótico e semântico, que vai retomar pouco mais de dois anos adiante em outro texto, dessa vez dedicado aos leitores de uma revista sobre semiótica.

A forma, para Benveniste, “é, do ponto de vista linguístico (distinto) ou a matéria dos elementos linguísticos quando o sentido é excluído ou o arranjo formal destes elementos no nível linguístico ao qual se relaciona” (1989, p. 222), enquanto o *sentido* é “a noção implicada pelo termo mesmo da língua como conjunto de procedimentos de comunicação identicamente compreendidos por um conjunto de locutores” (p. 222).

Não há como separar uma noção da outra, explica o mestre, pois no próprio funcionamento da língua elas estão imbricadas, uma vez que envolvem o problema da significação:

[...] antes de qualquer coisa a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas

as funções que ela assegura no meio humano. [...] bem antes de comunicar a linguagem serve para viver (BENVENISTE, 1989, p. 222).

Dizer que a língua significa quer dizer que tal condição – a da significância – não se dá por acréscimo, mas sim que é da sua natureza significar. Além de trazer em seu seio a propriedade de significar, a língua tem outra particularidade, totalmente distinta, mas não menos importante, que é a sua condição de realização através de meios vocais. Benveniste considera a língua como portadora de um duplo aspecto, inerente à linguagem, distintivo. Compreende-a, portanto, assim como Saussure, como um sistema de signos, mas toma para si a tarefa de aprofundar essa noção: “compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante” (BENVENISTE, 1989, p. 224).

Benveniste alerta para o cuidado com o uso indiscriminado do termo *signo*, pois “dizer que a língua é feita de signos é dizer antes de tudo que o signo é a unidade semiótica” (1989, p. 224). Essa concepção de Benveniste de signo como unidade semiótica lhe permite explicitar sua concepção de uma dupla relação da noção de signo: como unidade e como dependente de uma ordem semiótica. Como unidade porque tem como critério a definição de um limite inferior, sem o qual a significação não é possível existir: “não podemos descer abaixo do signo sem perder a significação” (p. 225); e como pertencente à ordem semiótica, pois integrada significante e significado. A noção

de signo em Benveniste, portanto, é de uma unidade dependente da consideração semiótica da língua.

Essa dupla relação sónica é explicada pelo linguista francês a partir da definição de semiótico e de semântico, duas possibilidades de ser língua: no sentido e na forma.

Para explicar *semiótico*, Benveniste vale-se da noção de significante. O significante é, ao mesmo tempo, tanto uma determinada sequência de sons que a natureza falada, vocal, da língua exige quanto a forma sonora que condiciona e determina o significado, o aspecto formal da entidade chamada signo.

Sabe-se que toda forma linguística é constituída em última análise de um número restrito de unidades sonoras chamadas fonemas; mas é preciso ver que o signo não se decompõe imediatamente em fonemas e que uma sequência de fonemas não compõe imediatamente um signo. A análise semiótica, diferentemente da análise fonética, exige que introduzamos, antes do nível dos fonemas, o nível da estrutura fonemática do significante. O trabalho consiste aqui em distinguir os fonemas que fazem parte do inventário da língua daqueles que, simples ou combinados, caracterizam a estrutura formal do significante e preenchem uma função distintiva no interior dessa estrutura (BENVENISTE, 1989, p. 225).

Quanto ao significado, explica Benveniste que o signo define-se como unidade semiótica e sua definição, portanto, tem a ver com sua existência e sua aceitação social ou não, isto é, se ele *significa* ou não:

[...] para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e que se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos [...] “Chapéu” existe? Sim. “Chaméu” existe? Não (BENVENISTE 1989, p. 227).

Essa noção de significância é fundamental em Benveniste, pois defende a ideia de que o sentido é construído socialmente, ou seja, quem define se um determinado signo tem ou não existência é a comunidade de falantes de uma determinada língua:

É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe. Não há estágio intermediário; ou está na língua ou está fora da língua (BENVENISTE, 1989, p. 227).

Decorre daí o princípio de que

[...] tudo que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua. Cada signo entra numa rede de relações e de oposições com os outros signos que o definem, que o delimitam no interior da língua. Quem diz ‘semiótico’ diz intralinguístico. Cada signo tem de próprio o que o distingue dos outros signos. Ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa (BENVENISTE, 1989, p. 227-228).

Definido o modo semiótico, passemos ao semântico.

Se um modo de significância é a língua como semiótica (existe ou não existe), no outro modo – semântico – há uma mudança radical de perspectiva, pois há uma mudança na unidade. Enquanto no nível semiótico a unidade semântica era o signo, no nível semântico, a unidade é a palavra, cuja expressão semântica por natureza é a frase, isto é, a produção do discurso. É que nós falamos por meio de frases, as quais cumprem um papel comunicativo na língua.

O nível de que Benveniste passa a tratar é o da frase, expressão semântica por natureza e cujo sentido implica refe-

rência à situação de discurso e à atitude do locutor.

É interessante o que Benveniste diz sobre sentido e referência:

Se o “sentido” da frase é a ideia que ela exprime, a “referência” da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar (1989, p. 231).

Mas como aparecem as noções de forma e sentido sob o enfoque semântico? Para Benveniste, a construção do sentido no/do discurso realiza-se através de duas operações típicas: a substituição e a conexão. Não há oposição entre essas duas operações, senão complementaridade.

Se unidade semiótica mínima é o signo, a unidade semântica mínima necessária para a expressão do pensamento é a palavra. O sentido da palavra será seu emprego. Já o sentido de uma frase será a ideia que ela exprime:

[...] este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pela organização das palavras, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. Tudo é dominado pela condição do sintagma, pela ligação entre os elementos do enunciado destinado a transmitir um sentido dado, numa circunstância dada (BENVENISTE, 1989, p. 230).

É a partir dessa constatação que Benveniste prenuncia o que vamos depreender como enunciação no texto de 1979. O que ele diz sobre a frase tem relação com o que ele vai definir adiante como enunciação:

A frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece. Ela

não pode, sem contradição de termos, comportar emprego: ao contrário, as palavras que estão dispostas na cadeia e cujo sentido resulta precisamente da maneira em que são combinadas não têm senão empregos. O sentido de uma palavra consistirá na sua capacidade de ser integrante de um sintagma particular e de preencher uma função proposicional (BENVENISTE, 1989, p. 231-232).

Benveniste encerra sua fala aos filósofos, retomando a importância da significação, a qual se constitui a partir da superposição entre forma e sentido, esses dois sistemas que, juntos, operam a substituição e a conexão que possibilitam a depreensão do sentido dos textos.

O sentido em *Semiologia da língua* (1969)

Esse texto, publicado primeiramente em uma revista de semiótica em 1969, resulta de aulas que Benveniste ministrou entre dezembro de 1968 a dezembro de 1969 e que estão detalhadas nas anotações que deram origem à obra *Dernière leçons*, recentemente publicada.

Benveniste inicia esse texto com uma pergunta que norteará toda a sua reflexão: “Qual o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (1989, p. 43). Para respondê-la, ou melhor, para pensá-la, Benveniste retoma a ideia de signo em Pierce para em seguida refutá-la, uma vez que para Benveniste, Peirce “não se interessou jamais pelo funcionamento da língua, nem mesmo lhe prestou atenção” (1989, p. 44). Benveniste associa-se à concepção de signo postulada por Saussure. Mas se Benveniste concorda com

a separação língua/linguagem proposta por Saussure, é porque tal separação permite a formulação dos dois conceitos essenciais para introduzir a semiologia: princípio de unidade (linguagem) e princípio de classificação (língua).

Benveniste retoma a noção já discutida no texto *A forma e o sentido*, mas avança sua reflexão a partir de sua definição de língua:

[...] a língua se apresenta sob todos os seus aspectos como uma dualidade: instituição social, ela é produzida pelo indivíduo; discurso contínuo, ela se compõe de unidades fixas (BENVENISTE 1989, p. 49).

Mas se ela é uma dualidade, onde encontra sua unidade, seu princípio de funcionamento, indaga Benveniste. O próprio autor responde: no seu caráter semiótico. É através dele que a língua adquire sua propriedade de significar ou de significância.

Para Benveniste, a língua ocupa um lugar especial no universo de sistemas de signos, pois é o único sistema semiológico capaz de interpretar todos os outros sistemas e, inclusive, a si própria: “a língua é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não linguísticos” (1989, p. 61). Isso não é o que acontece com alguns dos outros sistemas semióticos. Nas artes, é a própria existência da unidade que serve para indagação, dada a dificuldade para definir sua natureza, pois se tratarmos de cores, elas são designadas e não designam, é uma convenção que atribui sentido às cores e as suas variações. É o próprio artista que, ao utilizar determinada cor ou tonalidade,

afere significação, criando uma semiótica própria e individual e nenhuma dessas cores ou nuances alcançada encontra equivalência em algum signo linguístico. Faz-se necessário descobrir a cada vez os termos, ilimitados e imprevisíveis, reinventados a cada obra pelo artista, ao passo que a significância da língua é a significância mesma. Nenhuma semiologia de qualquer manifestação artística é expressa por sons, imagens, cores. Toda semiologia de sistema não-linguístico recorre à língua para sua interpretação, essa “não pode existir senão na e pela semiologia da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 61). Portanto, a língua é o interpretante de todos os sistemas, os linguísticos e os não-linguísticos.

Essa particularidade da língua sobre os outros sistemas é explicada a partir de três tipos de relações: a relação de engendramento, a relação de homologia e a relação de interpretância.

A primeira possibilidade de relação, a de engendramento, é explicada pela possibilidade que um sistema tem de engendrar outro sistema, por exemplo, a língua usual *engendra* a linguagem lógico-matemática, o alfabeto tradicional *engendra* o alfabeto braile. A relação de homologia configura-se a partir da possibilidade de correlação entre as partes de dois sistemas semióticos. Não se trata de uma condição dada, mas de uma possibilidade de conexões possíveis de serem estabelecidas entre dois sistemas distintos⁷. E a relação de interpretância é a possibilidade exclusiva que a língua

tem de categorizar e de interpretar todos os outros sistemas, inclusive ela mesma.

Para Benveniste (1989), é somente a língua que torna possível a sociedade. Só a língua nos fornece um sistema que é semiótico ao mesmo tempo na sua estrutura formal e no seu funcionamento, devido a quatro condições:

- 1) pelo fato de a sua manifestação se dar via enunciação, “falar é sempre falar-de”;
- 2) devido à sua formação ser dada por unidades distintas, sendo cada uma um signo;
- 3) o fato de ela ser produzida e recebida por todos os integrantes de uma dada sociedade de forma distinta;
- 4) por ela ser “a única atualização da comunicação intersubjetiva” (p. 63).

A capacidade de a língua significar é, para Benveniste, antes uma consequência do que uma causa, pois a língua é investida de uma dupla significância, um modelo sem nenhum outro igual. Esse autor retoma os domínios do semiótico e do semântico, denominando-os de *modos* e explica que somente a língua combina, simultaneamente, dois modos de ser língua: o semiótico e o semântico⁸. O semiótico deve ser reconhecido, o semântico deve ser compreendido. Essa faculdade de compreensão é a capacidade de perceber a significação de uma enunciação nova. Com o semântico, entramos no campo do discurso. No modo semântico, é necessário englobar o conjunto dos referentes, pois o sentido é estabelecido na sintagmatização na frase e na situação de discurso⁹.

Como a língua comporta, simultaneamente, a significância dos signos e a significância da enunciação, ela tem o poder

de criar um segundo nível de enunciação, a metassemântica, nível que justifica a sua capacidade de interpretância e a de englobar todos os outros sistemas. Eis a semiologia de Benveniste que não se coloca finitamente sobre a noção de signo, conforme Saussure, mas sobre a noção de discurso. Talvez aqui tenhamos uma “ultrapassagem” de um teórico a outro, mas uma ultrapassagem que não nega, mas conserva o outro para trazer presente uma outra direção para o olhar.

Benveniste julga necessário ultrapassar a noção saussuriana de signo como princípio único do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua. Acredita que essa ultrapassagem deva se dar através de duas análises:

[...] da análise intralinguística (pela abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, semântica) e da análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 67).

Essa dupla análise será, conforme Benveniste, uma semiologia de “segunda geração”, cujos instrumentos e método poderão concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral.

Até aqui retomamos dois textos de Émile Benveniste que tratam mais especificamente da significação, questão central presente nos últimos textos benvenistianos. A seguir, veremos em que a produção teórica de Jacqueline Authier-Revuz contribui sobre o sentido, já que é

esse o tema que interessa ao estudo que propomos, na medida em que estamos aproximando essas perspectivas teóricas.

O sentido em Authier-Revuz

A noção de “sentido” não aparece explicitamente na teoria de Authier-Revuz, mas pode ser depreendida a partir de seus estudos sobre a heterogeneidade.

Ao adentrar no campo dos estudos enunciativos, Authier-Revuz depara-se com a questão da heterogeneidade, a qual vai marcar definitivamente seus estudos no campo da enunciação.

A dimensão da heterogeneidade na enunciação, para Authier-Revuz, configura-se sob dois planos: o primeiro é o da observação dos fatos de heterogeneidade nas realizações linguísticas, aquilo que ela chama de heterogêneo do fio discursivo e que ela desenvolve, alguns anos mais tarde, em sua tese de doutoramento, sob a forma de quatro não coincidências¹⁰; o segundo é o da heterogeneidade teórica, que, para ela, indica a necessidade, ao se estudar a enunciação, de se fazer advirem outros campos do conhecimento, como a linguística, a psicanálise, e a análise do discurso¹¹.

Os conceitos de heterogeneidade mostrada e de heterogeneidade constitutiva começam a ser gestados pela teórica francesa no início da década de 1980 e são, por sua origem, estreitamente relacionados.

A heterogeneidade mostrada no discurso manifesta diversos tipos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade

constitutiva, enquanto o conceito de heterogeneidade constitutiva é construído a partir da transversalidade dos conceitos de dialogismo de Bakhtin e da psicanálise.

Veremos, a seguir, como cada um desses planos se estrutura e de que modo esses se materializam no discurso.

O heterogêneo do fio discursivo

Quando um sujeito fala ou escreve, produz certo número de formas que inscrevem o outro no discurso. Tais formas podem ser observadas no discurso relatado, no qual as formas do discurso direto e do discurso indireto designam um outro ato de enunciação:

[...] no discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou o espaço (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12).

Ou, sob uma forma mais complexa, que se evidencia nas formas da conotação autonímica¹², ou seja, quando o locutor, ao mesmo tempo em que faz uso das palavras, as mostra. Quando há conotação autonímica, o locutor assume dois papéis concomitantes ao fazer uso da palavra: emprega a palavra e se torna uma espécie de observador externo da palavra, emitindo sobre ela um comentário, ou fazendo uso de aspas¹³, glosas, entonação – isto é, utiliza-se de algum recurso que confere à palavra um outro papel discursivo, um outro estatuto.

As aspas de conotação autonímica estão presentes em uma fala sob vigi-
lância, sob controle, em uma espécie de
antilapso e evidenciam “a marca de uma
operação metalinguística local de distan-
ciamento” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.
219). Esse tipo de operação coloca em
suspensão a responsabilidade do locu-
tor pela palavra que é tomada como um
objeto, sobre o qual se produz um vazio
a ser preenchido sob o apelo de “glosa”,
que pode ser muitas vezes implícita.

O comentário local – e implícito –, que o
distanciamento pontual das aspas requer,
supõe que, de modo global, uma atitude
metalinguística de desdobramento do lo-
cutor ocorre em uma fala duplicada, por
um comentário crítico, no próprio curso de
sua produção. Essa atitude manifesta uma
aptidão: ela coloca o locutor em posição de
juiz e dono das palavras, capaz de recuar,
de emitir um julgamento sobre as palavras
no momento em que as utiliza (AUTHIER-
REVUZ, 2004, p. 219).

As aspas de conotação autonímica
atestam uma suspensão da responsabi-
lidade do enunciador e, ao mesmo tempo,
indicam que tais palavras estão desloca-
das de seu lugar, pertencendo, portanto,
a outro discurso.

A autora aprofunda a reflexão a
respeito dessa modalidade discursiva,
examinando cinco tipos de aspas: aspas
de diferenciação, de condescendência, de
proteção, de questionamento ofensivo e
de ênfase. Através de análise de exem-
plos, descreve diferentes funções que
podem assumir no discurso¹⁴.

É interessante observar que a colo-
cação das aspas, ensina Authier-Revuz,

[...] supõe a manutenção da *ilusão de
palavras “suas”* e a manutenção de *um
exterior ao discurso* em função do qual
as palavras podem ser avaliadas em sua
adequação (AUTHIER-REVUZ, 2004,
p. 230, grifo da autora).

Quando o locutor faz uso das aspas,
assinala, linguisticamente, uma espécie
de desacordo com a palavra aspeada,
marcando, portanto, um distanciamento
daquilo que ele diz.

As aspas indicam um tipo de desacor-
do com o mundo exterior que dá margem
a uma *borda*. Pode ocorrer, através do
uso das aspas ou uma desapropriação
da palavra ou uma espécie de “perda” do
mundo exterior. O certo é que as aspas
revelam

[...] diversas formas de desregramentos –
sofridos ou arriscados, ao mesmo tempo,
pelo locutor – e podem manifestar-se no
nível dessa borda que as aspas assinalam
(AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 230).

Esses desvios da regra fazem com que
o conteúdo do que o locutor diz oscile em
uma dupla direção: “o de uma fala ‘re-
coberta por suas bordas’ e o de uma fala
‘sem borda’” (AUTHIER-REVUZ, 2004,
p. 230, grifo da autora).

Um discurso repleto de aspas é um
discurso recoberto por bordas, isto é, um
indicativo de que seu locutor é “despos-
suído de palavras” (AUTHIER-REVUZ,
2004, p. 230). O uso das aspas pode assu-
mir diferentes significados: a) retirar das
palavras sua evidência de adequação,
possibilitando ao locutor afirmar seu dis-
tanciamento daquilo que diz; b) mostrar
que o que se diz é um redito; c) revelar

uma marca constitutiva do sujeito. Nesse último caso, quando as aspas invadem tudo, evidenciam um sujeito que não quer se mostrar e se esconde, portanto, na palavra do outro.

Já a fala sem bordas é aquela que pode manifestar-se ou em uma fala isenta de aspas (por exemplo, no discurso matemático), ou em uma fala que “renunciou às aspas, como à marca de um ilusório domínio sobre as palavras” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 232).

O estudo das aspas realizado por Authier-Revuz foi etapa importante para constituir o que, mais tarde, ela constatou como sendo rupturas enunciativas no próprio fio do discurso e que deram origem ao seu estudo das quatro não coincidências discursivas. Além disso, esse estudo inspirou a elaboração do conceito de heterogeneidade constitutiva do discurso, o qual será igualmente importante na sequência de seus estudos e na formulação de como o sentido se constrói discursivamente.

A heterogeneidade constitutiva

Para propor o que nomeou de heterogeneidade constitutiva, a teórica francesa recorreu a exterioridades teóricas, tal como ela mesma definiu o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise freudo-lacaniana¹⁵.

O conceito de dialogismo de Bakhtin interessa à perspectiva teórica adotada por Authier-Revuz pelo lugar que o outro

ocupa no discurso. O de psicanálise, pela compreensão de sujeito como aquele que se constitui pela linguagem, a de sujeito clivado/dividido pelo inconsciente.

Conforme Teixeira, os dois pontos de vista exteriores (dialogismo e psicanálise) aos quais a linguista francesa faz apelo justificam-se pelo fato de que

[...] ambos, em bases diferentes, questionam radicalmente a imagem de um locutor, fonte consciente de um sentido que ele traduz nas palavras de uma língua, e a própria noção de língua como instrumento de comunicação ou como ato que se realiza no quadro das trocas verbais (TEIXEIRA, 2000, p. 145-146).

São duas as concepções do princípio dialógico presentes na reflexão da linguista francesa: a do diálogo entre interlocutores e a do diálogo entre discursos. A primeira, relacionada à interação verbal, não deve ser confundida com diálogo face a face, mera troca verbal entre interlocutores, mas deve ser compreendida como princípio constitutivo do sujeito e da linguagem. Isso significa que toda palavra está sempre em constante diálogo com as outras palavras já produzidas:

[...] em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a minha primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completo esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto (BAKHTIN, 2010, [1930], p. 88).

A segunda concepção de dialogismo, a de diálogo entre discursos, significa que nenhuma palavra é neutra, toda palavra é atravessada pela alteridade, o que significa entender o diálogo como

[...] vasto espaço de luta entre vozes sociais (uma espécie de guerras dos discursos) no qual atuam forças centrípetas (aquelas que buscam impor uma certa centralização verboaxiológica por sobre o plurilinguismo real) e as forças centrífugas (aquelas que corroem continuamente as tendências centralizadoras, por meio de vários processos dialógicos (FARACO, 2006, p. 67).

A outra exterioridade convocada por Authier-Revuz, a psicanálise, apresenta-se por uma dupla concepção: a de uma fala fundamentalmente heterogênea e a fala de um sujeito dividido.

A psicanálise interessa-se pela fala que produz rupturas, lapsos, supostos equívocos que quebram a continuidade do pensamento, as quais levam o falante a interromper a conversa para reformular, corrigir, pedir desculpas. Esse fenômeno que Freud chamou de *ato falho* tem, na psicanálise, uma dupla função:

[...] assinalam a revelação de um desejo inconsciente, ao mesmo tempo em que são o atestado de um inconsciente estruturado como linguagem (TEIXEIRA, 2000, p. 150).

O ponto que interessa a Authier-Revuz é a estrutura material da linguagem que permite a escuta das falas não intencionais, as quais rompem a suposta homogeneidade do discurso:

O discurso não se reduz a um dizer explícito; ele traz em si mesmo o peso de um outro, que ignoramos ou recusamos, cuja presença permanente emerge sob a forma da falha (TEIXEIRA, 2000, p. 150).

Ou seja, o sujeito é dividido, clivado, barrado por um *outro*.

Essa compreensão não significa a existência de uma divisão de dois lados ou de dois polos na linguagem (consciente

x inconsciente). Entender a concepção de sujeito dividido (ou descentrado) significa reconhecê-lo como sujeito da não-totalidade, isto é, atravessado pelo Outro¹⁶. Lacan irá declarar que “o inconsciente é o discurso do Outro” (DÖR, 1989, p. 104), concepção fundamental para compreender o conceito de heterogeneidade constitutiva, tal como pensado e proposto por Authier-Revuz. Para a psicanálise, de acordo com a interpretação lacaniana de Freud, há uma teoria da heterogeneidade que significa que as palavras ditas/escritas possuem uma espécie de “lei interna” que faz com que sob elas, as palavras, outras sempre sejam ditas; que

[...] atrás de uma linearidade da emissão por uma única voz, se faz ouvir uma polifonia; que todo discurso parece se alinhar sobre várias pautas de uma partitura e que o discurso é constitutivamente atravessado pelo discurso do Outro (AUTHIER-REVUZ, 2004, [1982], p. 69).

Authier-Revuz explica que essa heterogeneidade da palavra *se articula a uma teoria do descentramento do sujeito*, o que permite fazer duas afirmações: a primeira é que se o sujeito é dividido, clivado, não pode ser portador de um centro de onde poderia emergir um sentido original; a segunda diz que se esse sujeito *é um efeito de linguagem*, não pode ocupar uma posição de exterioridade em relação à linguagem.

As formas da heterogeneidade mostrada, no discurso, não são um reflexo fiel, uma manifestação direta – mesmo parcial – da realidade incontornável que é a heterogeneidade constitutiva do discurso; elas são elementos da representação – fantasmática – que o locutor (se) dá de sua enunciação (AUTHIER-REVUZ, 2004, [1982], p. 79).

As marcas explícitas de heterogeneidade são, para o sujeito falante, a evidência de que não há senão uma ilusão de que o sujeito possa ter o domínio de uma fala. As falas são heterogêneas e as marcas que designam o outro mostram/evidenciam o “estatuto do um”. Como ensina Authier-Revuz,

[...] estudar a maneira pela qual funcionam as formas da heterogeneidade mostrada nos diversos tipos de discurso é dar-se acesso a um aspecto da representação que o locutor dá de sua enunciação, representação que traduz o modo de negociação com a heterogeneidade constitutiva própria a esse discurso (2004, [1982], p. 74).

De acordo com Teixeira, Authier-Revuz tenta compreender as formas da heterogeneidade mostrada como a emergência de uma outra heterogeneidade, a constitutiva. A relação entre ambas, no entanto, não se dá nem de forma linear, nem independente, pois “as formas da heterogeneidade mostrada permitem acesso à representação que o locutor dá de sua enunciação” (2000, p. 152). Constituem-se, portanto, heterogeneidade mostrada e constitutiva, como duas realidades “solidárias e permanentes”.

Como nosso intento é verificar como o sentido se constrói em um texto específico a partir do que dois autores do campo da enunciação postulam sobre o sentido, passaremos, a seguir, à análise, observando essas formas da língua e seus empregos. Temos aqui Benveniste e Authier “olhando” para essas formas da língua de lugares diferentes, mas que se consorciavam num olhar enunciativo.

Análise

Conforme anunciado no início desse texto, não há, em Benveniste, a explicitação de um modelo de análise enunciativa, razão pela qual embasaremos nossa reflexão a partir dos pressupostos teóricos presentes em dois dos últimos textos de Benveniste (1989, [1967-1970]). Além de Benveniste, inspirar-nos-emos na perspectiva teórica aberta por Authier-Revuz (2004, [1980, 1982, 1991]) e no modo de análise por ela empreendido, partindo das marcas da heterogeneidade mostrada para a verificação da heterogeneidade constitutiva que atravessa o discurso, para construir o sentido de texto publicitário em questão.

Cabe destacar que a teoria de Authier-Revuz não foi usada por essa autora para analisar textos. O que ela analisou foram fatos de língua. Benveniste também não tratou de texto. Isso decorre da natureza das teorias enunciativas que não incluem em seu objeto de estudo o texto, uma vez que as teorias da enunciação, como o próprio nome aponta, preocupam-se em descrever, a partir de diversas abordagens teórico-metodológicas, a enunciação e não propriamente o texto. E é o que se tenta fazer neste trabalho. Porém, acreditamos que é possível inferir dos estudos enunciativos que ora apresentamos uma noção de texto sintonizada com a ideia de que um “texto é antes de tudo organização da língua promovida por um locutor tendo em vista uma dada situação interlocutiva”

(FLORES; TOLDO, 2014 – no prelo). Assim, assumimos total responsabilidade pela aplicação teórica que faremos a seguir.

O texto escolhido é uma publicidade veiculada na internet¹⁷ que mescla texto verbal e não-verbal e tem por objetivo vender uma ideia, não um produto.

Antes de procedermos às observações da análise, trazemos rápidas considerações acerca do gênero publicidade, elemento foco deste trabalho, uma vez que estamos fazendo parte de uma publicação cujos estudos do gênero são elementos desencadeadores para pensar a aplicação de recortes teóricos em diferentes gêneros textuais. Neste caso, tomamos a publicidade.

O termo publicidade deriva de público (do latim *publicus*) e designa a qualidade do que é público. Significa o ato de tornar público um fato, uma ideia. A publicidade é, sobretudo, um grande meio de comunicação com a massa, é uma técnica de comunicação paga com a finalidade precípua de fornecer informações, provocar ações e reflexões em seus leitores. Seu objetivo primeiro é o de despertar o desejo pela coisa anunciada: em tê-la ou sabê-la. Muitos estudiosos da publicidade já se posicionaram de forma crítica aos seus efeitos; outros, de forma favorável, afirmando que ela desencadeia a comunicação entre os homens e ainda que é a mola propulsora do desenvolvimento de uma sociedade de homens que vivem porque se comunicam, afinal na sociedade “encontramos um homem falando

com outro homem”. O texto publicitário caracteriza-se, fundamentalmente, pela utilização de instrumentos que têm como objetivo mudar ou conservar determinada opinião ou crença de um público determinado. A publicidade é sedutora, exerce um papel importantíssimo em sociedades capitalistas, pois, muitas vezes, é a mola mestra para provocar mudanças no comportamento das pessoas. O texto de gênero publicitário usa as formas da língua para difundir uma mensagem de renovação, progresso, abundância, lazer, felicidade, beleza, reflexão para a sociedade em que se vive. Ele constrói e exhibe um mundo perfeito, ideal, onde tudo são luzes, brilho, encanto, beleza, sucesso, vitória. Ele concilia o princípio do prazer com o da realidade, indicando o que deve ser usado, vestido, calçado, comprado, pensado. Também usa a língua para produzir discursos acerca do que quer questionar.

Não poderíamos continuar falando de gênero textual sem trazer à cena Mikhail Bakhtin, que considerou que a comunicação humana se faz necessariamente por algum gênero e que as atividades humanas se interligam pelo uso da linguagem. Observou, ainda, que as condições específicas de produção de um gênero e as finalidades de cada esfera refletem-se nos enunciados e são marcadas pelo conteúdo do tema, pelo estilo de linguagem empregado, e, ainda, pela construção composicional. Essas esferas consideradas por Bakhtin (2000) coadunam com todas as possíveis

atividades do homem em sociedade sejam elas de qualquer natureza. Qualquer uma dessas esferas está ligada à utilização da língua, que é o único meio que torna possível a comunicação verbal. Destacamos Marcuschi (2010) que alerta para o fato de que os gêneros textuais não são entidades naturais que nos permitiriam atestar certas propriedades que talvez facilitassem sua definição, mas certamente contribuem de maneira particular à estabilização e à normatização de atividades comunicativas diárias, que apresentam constante relação com atividades sociodiscursivas. Eis o gênero que nos propomos analisar pelos recortes teóricos realizados e já mencionados.

Por razões didáticas, faremos a análise do texto em dois segmentos. O primeiro, cujas letras estão em negrito, em fonte maior, e ocupam a maior parte de espaço do anúncio, e o segundo, em letras menores, no canto direito do anúncio.

Usaremos, da teoria de Benveniste, as seguintes ideias, aqui entendidas como princípios analíticos: a) o emprego das formas da língua, b) o processo de sintagmatização – semantização da língua.

De Authier-Revuz, faremos uso dos seguintes pontos a fim de nortear nossa análise da construção do sentido do texto: a) identificação das marcas da heterogeneidade mostrada, b) identificação da heterogeneidade constitutiva.

Vamos ao primeiro segmento do texto: “Mais de 16 milhões de brasileiros não vão ler este anúncio. Por isso mesmo ele foi publicado”.

Esse primeiro trecho parte de uma afirmação, a qual nega um fato que contradiz seu conteúdo implícito. Se mais de 16 milhões de brasileiros não vão ler este anúncio, não haveria razão para veiculá-lo; no entanto, o texto afirma que como mais de 16 milhões de brasileiros não vão ler o anúncio, essa seria a razão de publicá-lo.

Essa construção sintática exemplifica a discussão sobre forma e sentido em Benveniste. Há dois modos de ser língua, semiótico e semântico, ensina o mestre, e são esses dois sistemas, juntos, que possibilitam a apreensão do sentido dos textos. Em “Semiologia da Língua”, (1969), Benveniste afirma que a língua é importante porque é ela, e somente ela, que torna possível a sociedade. Não é possível conceber uma sociedade sem língua, pois é a língua que mantém juntos os homens. A língua “é o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade, [pois] é a língua que contém a sociedade” (BENVENISTE, 1989, p. 63). Isso fica claro nesta publicidade que, pela língua, fala da sociedade brasileira não leitora, ou analfabeta.

O texto em análise usa os dois sistemas sógnicos, visual e verbal, simultaneamente, para organização de seu dizer. Temos nessa peça publicitária o modo semântico (quando a língua é colocada em funcionamento), que nos permite, a partir da língua, interpretar ela mesma (linguagem verbal do texto) e interpretar outros sistemas (nesse caso, a imagem da caneta, sinalizando em amarelo par-

te do texto verbal). Ou seja, é a relação semiótica entre sistema interpretante (a língua) e sistema interpretado (os signos não-linguísticos). Para Benveniste (1989), todo sistema sêmico tem um sistema semiótico, uma vez que todo e qualquer sistema de signos traz a possibilidade de significância. Entretanto, apenas a língua tem a possibilidade de interpretar linguisticamente esses sistemas, pois é a língua o único sistema semântico que possibilita a atualização do semiótico e, por isso, a construção dos sentidos é irrepetível. Para interpretar o anúncio “Mais de 16 milhões de brasileiros não vão ler este anúncio. Por isso mesmo ele foi publicado”, podemos usar a faculdade metalinguística da língua, já que a língua é o único sistema que pode autointerpretar-se.

As interpretações que aqui apresentamos são possíveis com base no que Benveniste (1989) chama de relação semiótica entre os sistemas (o interpretante e o interpretado). É essa relação que permite posicionar os signos em signos da língua e signos da sociedade. O que fizemos nessa publicidade foi interpretar os signos da sociedade através dos signos da língua, porque essa relação é possível, já que os signos da língua são o interpretante dos signos da sociedade, e jamais o inverso. É o que, segundo Benveniste (1989), afere à língua essa situação particular entre os sistemas de signos, porque enquanto todos os sistemas têm significação unidimensional (semântico **ou** semiótico), a língua apresenta-se como o único sistema em

que a significação é articulada em duas dimensões (semântico e semiótico). Ou seja, isso somente é possível porque podemos falar, dizer, descrever, caracterizar – pela língua – o que se pode falar, dizer, descrever, caracterizar na publicidade que faz uma crítica à posição de analfabetismo do brasileiro e que adverte, em amarelo – atenção – que tantos brasileiros não vão ler o anúncio, por isso mesmo a necessidade de anunciá-lo. “Falar de” é a capacidade que a língua tem para construir sentido. Falar dos milhões de brasileiros analfabetos é falar de tudo o que implica essa situação. Essa capacidade de dizer algo sobre, que é apenas da língua, traz a reflexão de Benveniste (1989) referente à ultrapassagem de Benveniste a Saussure. Numa reflexão saussureana, teríamos algo a respeito do signo no sistema da língua; em Benveniste temos esse signo no funcionamento da língua. Isso se dá em duas vias: uma intralinguística, que nada mais é do que a dimensão da significância do discurso e uma translinguística que se destina a construção de uma metassemântica da enunciação.

A metassemântica a que se refere Benveniste neste singular artigo de 1969 é a capacidade da língua de produzir um discurso em relação a algo e como um desdobramento da ultrapassagem do signo como princípio único e último à possibilidade de um estudo sobre as relações que se estabelecem entre sistemas semiológicos.

O segmento “não vão ler” destacado em amarelo trata-se, segundo Authier-Revuz (1982), de uma evidência da heterogeneidade mostrada, uma marca da heterogeneidade discursiva, da presença de um “outro”, que insiste, chama atenção. Conforme Teixeira (2000), essa modalidade de heterogeneidade revela-se sob formas linguísticas que representam os diversos modos de negociação do sujeito falante com a heterogeneidade constitutiva do seu discurso e que “contestam a homogeneidade do discurso, inscrevendo o outro na linearidade” (p. 145). Podemos identificar a heterogeneidade mostrada através do discurso direto, do discurso indireto, das aspas, das glosas, etc.

Passamos à análise do segundo trecho do texto verbal.

No Brasil existem aproximadamente 16 milhões de pessoas incapazes de ler e escrever ao menos um simples bilhete. Considerando-se o conceito de “analfabeto funcional”, que inclui as pessoas com menos de quatro séries de estudo concluídas, o número salta para 33 milhões.

No segmento ao lado do anúncio principal, temos expressões do tipo “pessoas incapazes”, “analfabeto funcional” e “pessoas com menos de 4 séries de estudo concluído”. Temos nessas construções o emprego de algumas formas da língua que se consorciavam na construção do sentido já estabelecido pelo anúncio principal – “16.000.000 de brasileiros não vão ler este anúncio” e não vão lê-lo pois não sabem ler. Vejamos: temos diferentes formas que coadunam umas

com as outras em torno de palavras sintagmatizadas, que criam a referência que justifica a publicação do anúncio. Isso evidencia o conceito de enunciação, já que para Benveniste “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Essa definição – ampla em sua natureza – coloca em destaque o fato de o locutor mobilizar a língua por sua própria conta, além de observar aspectos importantes para a determinação dos caracteres linguísticos da enunciação. Neste caso, o publicitário apropria-se de formas da língua e coloca essas formas em funcionamento, criando a referência do analfabetismo funcional explicitado nessa publicidade. Diante disso, o que temos? A conversão da língua em discurso. Isso diz respeito à sintagmatização-semantização, esclarecida por Benveniste no texto de 1966 *A forma e o sentido na linguagem*. O que nos interessa nesta análise é que a sintagmatização é um trabalho realizado pelo locutor acerca do estabelecimento de inter-relações entre as palavras que constituem o enunciado. Essa noção de sintagmatização destaca as conexões/relações entre as palavras. Essas relações estão a serviço de uma ideia a ser expressa, que é relativa, por sua vez, à atitude do locutor e à situação enunciativa. Isso traz a semantização, que é um processo concernente ao uso da língua, para atribuição de referência à atitude do locutor e à situação enunciativa.

Portanto, podemos observar que a sintagmatização e a semantização são, pois, dois aspectos constitutivos à conversão da língua em discurso. A sintagmatização está atrelada à noção de semantização e está a serviço da semantização, pois esta, por sua vez, resume o trabalho do locutor com a língua. Sintagmação-semantização implicam uma constante relação entre forma e sentido.

Com Authier-Revuz, aprendemos que as aspas são um sinal de distância que o locutor pode colocar, na escrita ou na fala, quando produz as palavras, e seu uso sempre implicará alterações na produção do sentido dos textos falados ou escritos.

Pôr aspas é retirar sua evidência de adequação. [...] as aspas são um instrumento familiar de defesa de um ‘como ele diz, como eles dizem’, interposto entre si e certas palavras, quando se está submetido a um discurso – que deve ser escutado ou produzido – que se rejeita: colocando as aspas, afirma-se a distância (AUTHIER-REVUZ, 2004, [1980], p. 231).

Assim, o uso das aspas em “analfabeto funcional” não pode passar despercebido. Podem ser aspas de destaque, já que a palavra analfabeto, por si só, carrega uma conotação negativa, de ausência, em função do prefixo “a”. É possível que o uso das aspas em analfabeto funcional produza diferentes sentidos: a) pode assinalar a discordância do enunciador em relação ao uso da expressão; b) pode dar um destaque à expressão, já que junto dela há o número 33 milhões, um número bastante expressivo se considerarmos o número total de habitantes brasileiros; c) pode marcar até mesmo um ponto de

vista contrário do enunciador ao próprio conceito de analfabeto funcional, o qual é explicitado na sequência. De qualquer modo, as palavras aspeadas “são palavras assinaladas como ‘deslocadas’, ‘fora do seu lugar’, pertencendo e adequando-se a um outro discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, [1980], p. 221, grifo da autora).

Há dois trechos marcados (o em amarelo e a expressão aspeada), que explicitam a marca da heterogeneidade, mas Authier-Revuz ensina que a heterogeneidade mostrada é apenas uma forma de explicitar a heterogeneidade constitutiva, que atravessa o discurso. A heterogeneidade constitutiva é conceito construído pela linguista francesa a partir da ancoragem no que ela denominou de exteriores teóricos: o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise¹⁸. Como vimos, de Bakhtin, ela extrai a concepção de que o dialogismo é “condição de constituição do sentido”, as palavras são habitadas por múltiplos sentidos. Essa multiplicidade significa que “a ‘pluriacentuação’ da palavra não dá, com efeito, halos conotativos variáveis em torno de um núcleo de sentido comum, mas ‘acentos contraditórios que se cruzam no interior de cada palavra’, num sentido que faz no e pelo entrecruzamento dos discursos” (2004, [1982], p. 36, grifo da autora). Da psicanálise, vem a concepção de sujeito não como uma entidade homogênea, mas como “resultado de uma estrutura complexa” (2004, p. 65), cujo inconsciente é dividido¹⁹, clivado, cindido.

A partir de Authier-Revuz – e de sua ancoragem nos exteriores teóricos – pode-

mos ler o anúncio publicitário de diferentes formas, dentre as quais explicitamos algumas que nos parecem possíveis:

- 1) Há muitas pessoas que não sabem ler, são analfabetos ou analfabetos funcionais, portanto, a data em que se comemora o Dia da Educação é uma data pertinente para pensar o problema do analfabetismo e do analfabetismo funcional.
- 2) Há muitas pessoas que não sabem ler, são analfabetos ou analfabetos funcionais, portanto, a data em que se comemora o Dia da Educação é uma data pertinente para se pensar sobre o problema do analfabetismo e do analfabetismo funcional – quem sabe – mudar esse quadro.
- 3) Como há muitas pessoas que não leem (e muitas mais, praticamente o dobro, são analfabetos funcionais), o anúncio foi publicado somente para aquelas que sabem ler.
- 4) Como há muitas pessoas que não leem (e muitas mais, praticamente o dobro, são analfabetos funcionais), o anúncio foi publicado apenas para aqueles que sabem ler, para que saibam da importância da leitura para ficarem informados.
- 5) Como há muitas pessoas que não leem (ou são analfabetos funcionais), se você estiver lendo este anúncio, é porque faz parte de uma parcela privilegiada de pessoas (as que sabem ler) no país.

De qualquer modo, para construir o sentido do texto, precisamos da materialidade da língua, a partir da sua particularidade do estabelecimento de relações de engendramento, homologia e interpretação, como ensinou Benveniste e da sua capacidade de ser semiótica e semântica ao mesmo tempo, o que exigiria o que ele cunhou de semiologia de segunda geração e cita ao final do texto de 1969.

Observa-se a ressonância de Benveniste nas considerações de Authier-

Revuz “é a estrutura material da língua que permite que, através da linearidade de uma cadeia, se inscreva a polifonia de um discurso” (2004, [1982], p. 62).

Considerações finais

Nossa intenção nesse texto era estudar o sentido a partir do que dizem dois autores da enunciação, Benveniste e Authier-Revuz, para analisar um texto publicitário. Certamente a aventura a que nos lançamos necessita, ainda, de maior investimento de tempo e aprofundamento. O diálogo entre as reflexões teóricas de ambos os autores é corroborado por Augustini e Leite, para quem

[...] a natureza do endereçamento teórico de Authier-Revuz em relação a Benveniste consiste em uma filiação, nos termos epistemológicos, portanto ela não se afasta do núcleo conceitual e central do programa benvenistiano, e, simultaneamente, especifica-se como uma filiação que comporta uma singularidade, pois, vinculada a esse programa, ela o faz frutificar a partir da alternativa de promover alguns entrelaçamentos teóricos com outras perspectivas conceituais (AUGUSTINI; LEITE, 2012, p. 257).

O que dissemos até aqui apenas reafirma a possibilidade de aproximações entre as reflexões desses dois estudiosos da linguagem, já que a própria Authier-Revuz reconhece sua filiação²⁰ a Benveniste.

Há, certamente, um longo caminho a percorrer quando se trata de analisar textos, uma vez que nem um nem o outro autor o fez. De nossa parte, registramos o interesse em prosseguir no diálogo teórico entre os dois autores.

Analyzing the sense in Benveniste and Authier-Revuz: an enunciative reading

Abstract

In this article, we reviewed two texts from Émile Benveniste (1967, 1969) and other two from Jacqueline Authier-Revuz (1980, 1982), aiming to reflect on the sense in language. Our reading exercise comes from the assumption that, if Authier-Revuz affiliates the enunciative studies from Benveniste, it is possible to find principles in both authors that, even distinguished, permit thinking on the way that sense is built on a text. Therefore, we intend to rescue the concepts of form and sense of the language in Benveniste (1989) and those of shown and constitutive heterogeneity in Authier-Revuz (2004) to analyze how the sense is built on a text through elements indicated by the reading in both authors, using the forms of the language as a basis.

Keywords: Sense. Shown heterogeneity. Constitutive heterogeneity. Forms of the language.

Notas

- ¹ Encontramos em Augustini e Leite (2012) uma aproximação entre os estudos de Benveniste e Authier-Revuz quando apresentam, a partir de um contraponto teórico-analítico, um estudo comparativo entre a formalização que o termo enunciação assume no quadro teórico de ambos os autores.
- ² A despeito da diversidade do campo teórico da enunciação, Flores (2008) cita Fuchs (1985) e Dahlet (1998), os quais reúnem os teóricos da enunciação em dois grandes grupos. Para Fuchs, há uma perspectiva de enunciação em sentido estrito, na qual se enquadram os

autores que consideram “os subsistemas de unidade, as formas da língua” (FLORES, 2008, p. 29), como Bally, Benveniste, Culioli, e uma perspectiva da enunciação em sentido amplo que abriga a pragmática, posição com a qual Flores parece não estar totalmente em acordo.

- ³ Authier-Revuz (1998, p. 16).

- ⁴ Essa é a data de publicação do artigo informada na obra Problemas de Linguística Geral II (PLG II). Nas referências, faremos indicação da data de publicação do PLG II no Brasil (1989).

- ⁵ Na época (1966), os estudos linguísticos tradicionalmente ocupavam-se da forma. Benveniste refere os estudos de Bloomfield que taxavam o estudo do *meaning* de *mentalismo*, o que, de certo modo, tornava o assunto mais interessante entre os psicólogos do que entre os linguistas, a quem cabiam estudos mais concretos, ligados, portanto, às formas.

- ⁶ Optamos por deixar de fora o primeiro texto – Os níveis de análise linguística – já que esse texto distancia-se um pouco mais no tempo dos demais escolhidos. Nesse texto, entretanto, há uma primeira formulação referente ao sentido que nos interessa, aquela em que o autor define os níveis linguísticos a partir de uma condição: o sentido. Mello (2012, p. 56) explica que “a condição essencial para a definição de uma unidade linguística é sua integração em uma unidade mais alta. As unidades de determinado nível distribuem-se nesse nível, constituindo-o, e, ao mesmo tempo, integram um nível superior. A capacidade de integração em um nível mais alto concerne ao sentido, enquanto a capacidade de distribuição dentro do mesmo sentido tange à forma”.

- ⁷ Um dos exemplos dado por Benveniste é do estudo que ele empreende a partir da obra de Baudelaire. “Les parfums, les couleurs et les sons se répondent” são correspondentes em Baudelaire, mas apenas lá é que elas organizam uma determinada relação que assumem um caráter correspondente na criação poética. É interessante esse exemplo revelador do trabalho interdisciplinar de Benveniste. Ao mesmo tempo em que elaborava reflexões de interesse dos linguistas e semiotistas, mergulhava no estudo da obra de Baudelaire, cujos manuscritos deram origem à tese de Chloé Laplantine, transformada em livro em 2012.

- ⁸ O texto “Os níveis de análise linguística” (1966) preconiza essa reflexão, conforme o próprio autor informa em nota da página 64.

- ⁹ Vera Mello em sua tese “A sintagmatização-semantização: uma proposta de análise de texto” (2012) aprofunda essa questão.
- ¹⁰ As quatro não-coincidências (heterogeneidade discursivas) são abordadas em vários estudos posteriores de Authier-Revuz e integram sua tese de doutorado. São elas: a) *não-co incidência interlocutiva entre enunciator e enunciatário*; b) *não-co incidência do discurso com ele mesmo*; c) *não-co incidência entre as palavras e as coisas*; d) *não-co incidência das palavras com elas mesmas*.
- ¹¹ Restringimos nosso estudo à influência da psicanálise e do dialogismo na construção da heterogeneidade.
- ¹² A conotação autonímica é conceito tomado por Authier-Revuz da noção semiótica proposta por J. Rey-Debove (1971). Authier-Revuz opera um deslocamento do ponto de vista semiótico para o enunciativo e propõe a modalização autonímica, “um fato de enunciação modalizado por uma representação opacificante, ou seja, por uma interposição de um comentário sobre o próprio signo entre o signo e o que ele designa [...] na modalização autonímica, o dizer retorna reflexivamente sobre um ponto de seu desenvolvimento para suspender o modo pelo qual a nomeação normalmente se dá, tornando visível a negociação do enunciator com a heterogeneidade que o constitui, e que ele tem a necessidade de desconhecer” (FLORES; TEIXEIRA, 2009, p. 167).
- ¹³ Sobre o uso das aspas e os sentidos daí advindos, pode-se consultar Authier-Revuz (2004, [1980]), *Palavras mantidas à distância*.
- ¹⁴ Não desenvolveremos aqui as ocorrências analisadas pela linguista francesa, que podem ser consultadas em Authier-Revuz (2004, [1980]), *Palavras mantidas à distância*.
- ¹⁵ Entenda-se a psicanálise a partir da leitura lacaniana de Freud (conforme TEIXEIRA, 2000, p. 145).
- ¹⁶ “O *Outro* é o lugar estranho, de onde emana todo discurso: lugar da família, da lei, do pai, na teoria freudiana, elo da história e das posições sociais, lugar a que é remetida toda subjetividade [...] a lei” (CLÉMENT apud AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 64, grifo nosso), diferentemente de o *outro* (interlocutor).
- ¹⁷ Disponível em: <<http://roupanovaral.wordpress.com/page/211/>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- ¹⁸ Para aprofundar essa questão, pode-se consultar: Teixeira (2010), Authier-Revuz (2004, [1982], [1991]).
- ¹⁹ “O sujeito [do inconsciente] representado pelo significante não é desdobrado, nem dividido como as metades de uma pera. Ele é um sujeito em que falta o fato de uma subjetividade psicológica. Ele é barrado pelo desejo, a própria expressão de uma divisão” (ROUDINESCO apud AUTHIER-REVUZ, 2004, [1982], p. 66).
- ²⁰ Authier-Revuz afirma sua filiação a Benveniste “como autor que permite transitar da língua à enunciação e ao discurso, referindo-se a dois textos do autor: *Semiologia da língua* (1969) e *O aparelho formal da enunciação* (1970)” (TEIXEIRA, 2006, p. 133).

Referências

- AUGUSTINI, C.; LEITE, J. D. Benveniste-Authier: aproximações conceituais e particularidades práticas. *Revista Desenredo*, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 253-274, jan/jun. 2012.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1991). Heterogeneidades e rupturas. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade, um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 173-189.
- _____. (1982). Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade, um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.
- _____. (1980). Palavras mantidas a distância. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade, um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 217-237.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.
- BENVENISTE, E. Semiologia da língua. In: _____. *Problemas de Lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 43-67.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de Lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 81-90.
- _____. A forma e o sentido na linguagem. In: _____. *Problemas de Lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 220-242.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FLORES, V. N. et al. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. (Org.). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P. et al. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010. p. 19-38.

MELLO, Vera Helena Dentee de. *A sintagmatização-semantização: uma proposta de análise de texto*. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

TEIXEIRA, M; FLORES, V. N. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

TEIXEIRA, T. M. L. *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para a abordagem do sentido no discurso*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

TOLDO, Claudia; FLORES, Valdir. *Esboço de uma abordagem enunciativa do texto*. Campinas: Pontes, 2014. No prelo.

Anexo

**Mais de
16.000.000
de brasileiros
não vão ler
este anúncio.**

No Brasil existem aproximadamente 16 milhões de pessoas incapazes de ler e escrever ao menos um simples bilhete. Considerando-se o conceito de "analfabeto funcional", que inclui as pessoas com menos de quatro séries de estudo concluídas, o número salta para 33 milhões.

Por isso mesmo ele foi publicado.

Saga Publicidade.
Dia 28 de Abril - Dia da Educação

Fonte: <http://roupanovaral.wordpress.com/page/211/>